



Universidade da Amazônia

# Seleção de Obras Poéticas II

de Gregório de Matos

**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



## Seleção de Obras Poéticas II

de Gregório de Matos

### Soneto

A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana, e vinha,  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um freqüentado olheiro,  
Que a vida do vizinho, e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,  
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos Mulatos desavergonhados,  
Trazidos pelos pés os homens nobres,  
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,  
Todos, os que não furtam, muito pobres,  
E eis aqui a cidade da Bahia.

### Epílogos

Que falta nesta cidade?.....Verdade  
Que mais por sua desonra .....Honra  
Falta mais que se lhe ponha .....Vergonha.

O demo a viver se exponha,  
por mais que a fama a exalta,  
numa cidade, onde falta  
Verdade, Honra, Vergonha.

Quem a pôs neste socrócio?..... Negócio  
Quem causa tal perdição? ..... Ambição  
E o maior desta loucura?..... Usura.

Notável desventura  
de um povo néscio, e sandeu,  
que não sabe, que o perdeu  
Negócio, Ambição, Usura.

Quais são os seus doces objetos?..... Pretos  
Tem outros bens mais maciços?..... Mestiços  
Quais destes lhe são mais gratos?..... Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,  
dou ao demo a gente asnal,  
que estima por cabedal  
Pretos, Mestiços, Mulatos.

Quem faz os círios mesquinhos?..... Meirinhos  
Quem faz as farinhas tardas? .....Guardas  
Quem as tem nos aposentos? ..... Sargentos.

Os círios lá vêm aos centos,  
e a terra fica esfaimando,  
porque os vão atravessando  
Meirinhos, Guardas, Sargentos.

E que justiça a resguarda? ..... Bastarda  
É grátis distribuída? ..... Vendida  
Que tem, que a todos assusta?..... Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa,  
o que El-Rei nos dá de graça,  
que anda a justiça na praça  
Bastarda, Vendida, Injusta.

Que vai pela clerezia? ..... Simonia  
E pelos membros da Igreja? ..... Inveja  
Cuidei, que mais se lhe punha?..... Unha.

Sazonada caramunha!  
enfim que na Santa Sé  
o que se pratica, é  
Simonias, Inveja, Unhas.

E nos Frades há manqueiras?..... Freiras  
Em que ocupam os serões? ..... Sermões  
Não se ocupam em disputas?..... Putas.

Com palavras dissolutas  
me concluis na verdade,  
que as lidas todas de um Frade  
são Freiras, Sermões, e Putas.

O açúcar já se acabou?..... Baixou  
E o dinheiro se extinguiu?..... Subiu  
Logo já convalesceu? ..... Morreu.

À Bahia aconteceu  
o que a um doente acontece,  
cai na cama, o mal lhe cresce,  
Baixou, Subiu, e Morreu.

A Câmara não acode?..... Não pode  
Pois não tem todo o poder?..... Não quer  
É que o governo a convence? .....,..... Não vence.

Quem haverá que tal pense,  
que uma Câmara tão nobre  
por ver-se mísera, e pobre  
Não pode, não quer, não vence.

#### Mote

De dous ff se compõe  
esta cidade a meu ver  
um furtrar, outro foder.

#### Glosa

Recopilou-se o direito,  
e quem o recopilou  
com dous ff o explicou  
por estar feito, e bem feito:  
por bem Digesto, e Colheito  
só com dous ff o expõe,  
e assim quem os olhos põe  
no trato, que aqui se encerra,  
há de dizer, que esta terra  
De dous ff se compõe.

Se de dous ff composta  
está a nossa Bahia,  
errada a ortografia  
a grande dano está posta:  
eu quero fazer aposta,  
e quero um tostão perder,  
que isso a há de preverter,  
se o furtrar e o foder bem  
não são os ff que tem  
Esta cidade a meu ver.

Provo a conjetura já  
prontamente como um brinco;  
Bahia tem letras cinco  
que são BAHIA:  
logo ninguém me dirá  
que dous ff chega a ter,  
pois nenhum contém sequer,  
salvo se em boa verdade  
são os ff da cidade  
um furtrar, outro foder.

### Soneto

Triste Bahia! oh quão dessemelhante  
Estás, e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado  
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz Brochote.'

Oh se quisera Deus, que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

### À Bahia

Tristes sucessos, casos lastimosos,  
Desgraças nunca vistas, nem faladas,  
São, ó Haia! vésperas choradas  
De outros que estão por vir mais estranhos:

Sentimo-nos confusos, e teimosos,  
Pois não damos remédio às já passadas,

Nem prevemos tampouco as esperadas,  
Como que estamos delas desejosos.

Levou-vos o dinheiro a má fortuna,  
Ficamos sem tostão, real nem branca,  
Macutas, correão, novelos, molhos:

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,  
E é que, quem o dinheiro nos arranca,  
Nos arranca as mãos, a língua, os olhos.

### Romance

Senhora Dona Bahia,  
nobre e opulenta cidade,  
madrasta dos Naturais,  
e dos Estrangeiros madre.  
Dizei-me por vida vossa,  
em que fundais o ditame  
de exaltar os que aí vêm,

e abater os que ali nascem?  
Se o fazeis pelo interesse,  
de que os estranhos vos gabem,  
isso os Paisanos fariam  
com duplicadas vantagens.  
E suposto que os louvores  
em boca própria não cabem,  
se tem força esta sentença,  
mor força terá a verdade.

O certo é, Pátria minha,  
que fostes terra de alarves,  
e inda os ressaibos vos duram  
desse tempo, e dessa idade.  
Haverá duzentos anos,  
(nem tantos podem contar-se)  
que éreis uma aldeia pobre,  
e hoje sois rica cidade.  
Então vos pisavam Índios,  
e vos habitavam cafres,  
hoje chispais fidalguias,  
arrojando personagens.  
A essas personagens vamos,  
sobre elas será o debate,  
e queira Deus, que o vencer-vos  
para envergonhar-vos baste.  
Sai um pobrete de Cristo  
de Portugal, ou do Algarve  
cheio de drogas alheias  
para daí tirar gages."  
O tal foi sota-tendeiro  
de um cristão-novo em tal parte,  
que por aqueles serviços  
o despachou a embarcar-se.  
Fez-lhe uma carregação  
entre amigos, e compadres:  
e ei-lo comissário feito  
de linhas, lonas, beirames.  
Entra pela barra dentro,  
dá fundo, e logo a entornar-se  
começa a bordo da Nau  
cum vestidinho flamante.  
Salta em terra, toma casas,  
arma a botica dos trastes,  
em casa come Baleia,  
na rua entoja manjares.  
Vendendo gato por lebre,  
antes que quatro anos passem,  
já tem tantos mil cruzados,

segundo afirmam Pasquates.  
Começam a olhar para ele  
os Pais, que já querem dar-1he  
Filha, e dote, porque querem  
homem, que coma, e não gaste.  
Que esse mal há nos mazombos,  
têm tão pouca habilidade,  
que o seu dinheiro despendem  
para haver de sustentar-se.  
Casa-se o meu matachim,"  
põe duas Negras, e um Pajem,  
uma rede com dous Minas,  
chapéu-de-sol, casas-grandes.  
Entra logo nos piloros,  
e sai do primeiro lance  
Vereador da Bahia,  
que é notável dignidade.  
Já temos o Canastreiro,  
que inda fede a seus beirames,  
metamorfoses da terra  
transformado em homem grande:  
e eis aqui a personagem.  
Vem outro do mesmo lote  
tão pobre, e tão miserável  
vende os retalhos, e tira  
cornissão com couro, e carne.  
Co principal se levanta,  
e tudo emprega no Iguape,  
que um engenho, e três fazendas  
tem feito homem grande;  
e eis aqui a personagem.  
Dentre a chusma e a canalha  
da marítima bagagem  
fica às vezes um cristão  
que apenas benzer-se sabe:  
Fica em terra resoluto  
a entrar na ordem mercante,  
troca por côvado, e vara  
  
timão, balestilha, e mares.  
Arma-lhe a tenda um ricaço,  
que a terra chama Magnate  
com pacto de parceria,  
que em direito é sociedade:  
Com isto a Marinheiras  
do primeiro jacto, ou lance  
bota fora o cu breado,  
as mãos dissimula em guantes.  
Vende o cabedal alheio,  
e dá com ele em Levante,

vai, e vem, e ao dar das contas  
diminui, e não reparte.

Prende aqui, prende acolá,  
nunca falta um bom Compadre,  
que entretenha o credor,  
ou faça esperar o Alcaide.

Passa um ano, e outro ano,  
esperando, que ele pague,  
que uns lhe dão, para que junte,  
e outros mais, para que engane.

Nunca paga, e sempre come,  
e quer o triste Mascate,  
que em fazer a sua estrela  
o tenham por homem grande.

O que ele fez, foi furtao,  
que isso faz qualquer bribante,  
tudo o mais lhe fez a terra  
sempre propícia aos infames  
e eis aqui a personagem.

Vem um Clérigo idiota,  
desmaiado com um jalde,  
os vícios com seu bioco,  
com seu rebuço as maldades:  
Mais Santo do que Mafoma

na crença dos seus Árabes,  
Letrado como um Matuto,  
e velhaco como um Frade;  
ontem simples sacerdote,  
hoje uma grã dignidade,  
ontem selvagem notório,  
hoje encoberto ignorante.

Ao tal Beato fingido  
é força, que o povo aclame,  
e os do governo se obriguem,  
pois edifica a cidade.

Chovem uns, e chovem outros  
com ofícios, e lugares,  
e o Beato tudo apanha  
por sua muita humildade.

Cresce em dinheiro, e respeito,  
vai remetendo as fundagens,  
compra toda a sua terra,  
com que fica homem grande,  
e eis aqui a personagem.

Vêm outros zotes de Réquiem,  
que indo tomar o caráter  
todo o Reino inteiro cruzam  
sobre a chanca viandante.

De uma província para outra

como Dromedários partem,  
caminham como camelos,  
e comem como selvagens:  
Mariolas de missal,  
lacaio missa-cantante  
sacerdotes ao burlesco  
ao sério ganhões de altares.  
Chega um destes, toma amo,  
que as capelas dos Magnates  
são rendas, que Deus criou  
para estes Orate fratres.  
Fazem-lhe certo ordenado,  
que é dinheiro na verdade,

que o Papa reserva sempre  
das ceias, e dos jantares.  
Não se gasta, antes se embolsa,  
porque o Reverendo Padre  
é do Santo Nicomedes  
meritíssimo confrade;  
e eis aqui a personagem.  
Vêm isto os Filhos da terra,  
e entre tanta iniquidade  
são tais, que nem inda tomam  
licença para queixar-se.  
Sempre vêm, e sempre falam,  
até que Deus lhes depare,  
quem lhes faça de justiça  
esta sátira à cidade.  
Tão queimada, e destruída  
te vejas, torpe cidade,  
como Sodoma, e Gomorra  
duas cidades infames.  
Que eu zombo dos teus vizinhos,  
sejam pequenos, ou grandes  
gozos, que por natureza  
nunca mordem, sempre latem.  
Que eu espero entre Paulistas  
na divina Majestade,  
Que p ti São Marçal te queime,  
e São Pedro assim me guarde.

#### Décimas

Toda a cidade derrota  
esta fome universal,  
uns dão a culpa total

à Câmara, outros à frota:  
a frota tudo abarrota

dentro nos escotilhões  
a carne, o peixe, os feijões,  
e se a Câmara olha, e ri,  
porque anda farta até aqui,  
é cousa, que me não toca;  
Ponto em boca.

Se dizem, que o Marinheiro  
nos precede a toda a Lei,  
porque é serviço d'El-Rei,  
concedo, que está primeiro:  
mas tenho por mais inteiro  
o conselho, que reparte  
com igual mão, igual arte  
por todos, jantar, e ceia:  
mas frota com tripa cheia,  
e povo com pança oca!  
Ponto em boca,

A fome me tem já mudo,  
que é muda a boca esfaimada;  
mas se a frota não traz nada,"  
por que razão leva tudo?  
que o Povo por ser sisudo  
largue o ouro, e largue a prata  
a uma frota patarata,  
que entrando co'a vela cheia,  
o lastro que traz de areia,  
por lastro de açúcar troca!  
Ponto em boca.

Se quando vem para cá,  
nenhum frete vem ganhar,  
  
quando para lá tornar,  
o mesmo não ganhará;  
quem o açúcar lhe dá,  
perde a caixa, e paga o frete,  
porque o ano não promete  
mais negócio, que perder  
o frete, por se dever,  
a caixa, porque se choca:  
Ponto em boca.

Entretanto eu sem abrigo,  
e o povo todo faminto  
ele chora, e eu não minto,  
se chorando vo-lo digo:  
tem-me cortado o umbigo  
este nosso General,

por isso de tanto mal  
lhe não ponho alguma culpa;  
mas se merece desculpa  
o respeito, a que provoca,  
Ponto em boca.

Com justiça pois me torno  
à Câmara Nô Senhora,  
que pois me trespassa agora,  
agora leve o retorno:  
preza a Deus, que o caldo morno  
que a mim me fazem cear  
da má vaca do jantar  
por falta do bom pescado  
lhe seja em cristais lançado;  
mas se a saúde 1hes toca:  
Ponto em boca.

#### Décimas

Uma cidade tão nobre,  
uma gente tão honrada  
veja-se um dia louvada  
desde o mais rico ao mais pobre:  
cada pessoa o seu cobre,  
mas se o diabo me atija,  
que indo a fazer-lhe justiça,  
algum saia a justiça,  
'não me poderão negar,  
que por direito, e por Lei  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

O Fidalgo de solar  
se dá por envergonhado  
de um tostão pedir prestado  
para o ventre sustentar:  
diz, que antes o quer furto  
por manter a negra honra,  
que passar pela desonra,  
de que lhe neguem talvez;  
mas se o virdes nas galés  
com honras de Vice-Rei,  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

A Donzela embiocada  
mal trajada, e mal comida,  
antes quer na sua vida  
ter saia, que ser honrada:  
à pública amancebada  
por manter a negra honrinha,

e se lho sabe a vizinha,  
e lho ouve a clerezia  
dão com ela na enxovia,  
e paga a pena da lei;  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

A casada com adorno,  
e o Marido mal vestido,

crede, que este tal Marido  
penteia monho de corno:  
se disser pelo contorno,  
que se sofre a Fr. Tomás,  
por manter a honra o faz,  
esperai pela pancada,  
que com carocha pintada  
de Angola há de ser Visrei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

Os Letrados Peralvilhos  
citando o mesmo Doutor  
a fazer de Réu, o Autor  
comem de ambos os carrilhos:  
se diz pelos corrilhos  
sua prevaricação,  
a desculpa, que lhe dão,  
é a honra de seus parentes,  
e entoncos os requerentes,  
fogem desta infame grei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

O Clérigo julgador,  
que as causas julga sem pejo,  
não reparando, que eu vejo,  
que erra a Lei, e erra o Doutor:  
quando vêem de Monsenhor  
a Sentença Revogada  
por saber, que foi comprada  
pelo jimbo, ou pelo abraço,  
responde o Juiz madraço,  
minha honra é minha Lei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

O Mercador avarento,  
quando a sua compra estende,  
no que compra, e no que vende,  
tira duzentos por cento:  
não é ele tão jumento,  
que não saiba, que em Lisboa  
se lhe há de dar na gamboa;  
mas comido já o dinheiro

diz, que a honra está primeiro,  
e que honrado a toda Lei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

A viúva autorizada,  
que não possui um vintém,  
porque o Marido de bem  
deixou a casa empenhada:  
ali vai a fradalhada,  
qual formiga em correição,  
dizendo, que à casa vão  
manter a honra da casa,  
se a virdes arder em brasa,  
que ardeu a honra entendeis:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

O Adônis da manhã,  
o Cupido em todo o dia,  
que anda correndo a Coxia  
com recadinhos da Irmã:  
e se 1he cortam a 1ã,  
diz, que anda naquele andar  
por a honra conservar  
bem tratado, e bem vestido,  
eu o verei tão despido,  
que até as costas lhe verei;  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

Se virdes um Dom Abade  
sobre o púlpito cioso,  
não 1he chameis Religioso,  
chamai-lhe embora de Frade:

e se o tal Paternidade  
rouba as rendas do Convento  
para acudir ao sustento  
da puta, como da peita,  
com que livra da suspeita  
do Geral do Viso-Rei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

#### Romance

Deste castigo fatal,  
que outro não vemos, que iguale,  
serei Mercúrio das penas,  
e Coronista dos males.  
Tome esta notícia a Fama,  
para que voe, e não pare,  
e com lamentáveis ecos

soe numa, e noutra parte.  
Ano de mil, e seis centos  
oitenta e seis, se contar-se  
pode por admiração,  
escutem os circunstantes.  
Chegou a morte à Bahia,  
não cuidando, que chegasse,  
aqueles, que não temiam  
seus golpes por singulares.  
Representou-nos batalha  
com rebuços no disfarce,  
facilitando a peleja  
para segurar o saque.  
Mas tocando a degolar

levou tudo a ferro, e sangue  
divertindo a medicina  
com variar os achaques.  
Fez estrago tão violento  
em discretos, ignorantes,  
em pobres, ricos, soberbos,  
que nenhum pode queixar-se.  
Ao discreto não valeram  
seus conceitos elegantes,  
nem ao néscio o ignorar,  
que ofensas hão de pagar-se.  
Ao rico não reparou  
de seu poder a vantagem,  
nem ao soberbo o temido,  
nem ao pobre o humilhar-se.  
Ao galante o ser vistoso,  
nem ao polido o brilhante,  
nem ao rústico descuidos,  
de que a vida há de acabar-se.  
E se algum quis de manhã  
rosa brilhante ostentar-se,  
chegava a morte, e se via  
funesta pompa de tarde.  
Emudeceu as folias,  
trocou em lamento os bailes,  
cobriu as galas de luto,  
encheu de pranto os lugares.  
Foi tudo castigo em todos  
por esta, e aquela parte,  
se aos pobres faltou remédio,  
aos ricos sobraram males.  
Para o sexo feminino  
veio a morte de passagem,  
deixando-lhe, no que via  
exemplo para emendar-se.

Nos inocentes de culpa  
foi a morte relevante,  
que tanto a inocência livra,  
quanto condena o culpável.  
Pela caterva Etiópia

passou tocando rebate,  
mas corpos, que pagam culpas,  
não é bem, que à vida faltem.

Já se via pelas ruas  
de porta em porta chegar-se  
um devoto Teatino  
intimando a confessar-se.  
Quem para a morte deixara  
negócio tão importante,  
porque as lembranças da vida  
negam da morte o lembrar-se.  
Os campanários se ouviam  
uma hora em outra dobrarem,  
despertadores da morte,  
porque aos vivos lhe lembrasse.

Fez abrir nos cemitérios  
em um dia a cada instante  
para receber de corpos,  
o que tinham de lugares.  
Foi tragédia lastimosa,  
em que pode ponderar-se,  
que a terra sobrando a muitos,  
se viu ali, que faltasse.  
Os que nela não cabiam,  
quando vivos, hoje cabem  
numa sepultura a três,  
quero dizer a três pares.  
Viam-se as enfermarias  
de corpos tão abundantes,  
que sobrava a diligência,  
para que a todos chegassem.  
O remédio para as vidas  
era impossível achar-se,  
porque o número crescia  
cada minuto, e instante.

Titubeava Galeno  
com a implicância dos males,  
porque o tributo das vidas,  
mandava Deus, que pagassem.  
O Senhor Marquês das Minas,

que Deus muitos anos guarde,  
zeloso como cristão,  
liberal como Alexandre;

Preveniu para a saúde,  
Para que em tudo acertasse,  
dividirem-se os enfermos  
por casas particulares.  
Este zelo foi motivo,  
de que todos por vontade  
(digo os possantes) mostraram,  
serem próximos amantes.  
Havia um novo hospital,  
onde se admirou notável  
o zelo de uma Senhora  
Dona Francisca de Sande:  
Mostrando como enfermeira  
o desvelo em toda a parte,  
e administrando a mezinha,  
a quem devia de dar-se.  
Consolando a quem gemia,  
animando os circunstantes,  
tolerando o sentimento  
de que assim não acertasse.  
Não reparando nos gastos  
da fazenda, que eram grandes,  
porque só quis reparar  
vidas, por mais importantes.  
O Marquês como Senhor  
quis em tudo avantajá-lo,  
abrindo para a pobreza  
os tesouros da vontade.  
Repartia pelos pobres  
esmolas tão importantes,  
que o seu zelo nos mostrava  
querer, que nada faltasse.  
Publicando geralmente,  
que a ele os pobres chegassem,  
porque ao remédio de todos  
sua Excelência não falte.  
Mas se estava Deus queixoso,  
  
que muito passasse avante  
este castigo de culpas,  
mais que inclemência dos ares.  
Finalmente que a Bahia  
chegou a extremo tão grande,  
que aos viventes parecia  
querer o mundo acabar-se.  
Punha a morte cerco às vidas  
tão cruel, e exorbitante,  
que em três meses sepultou  
da Bahia a maior parte.  
Ah Bahia! bem puderas

de hoje em diante emendar-te,  
pois em ti assiste a causa  
de Deus assim castigar-te.  
Mostra-se Deus ofendido,  
nós sem desculpa que dar-lhe;  
emendemos nossos erros,  
que Deus porá termo aos males.

\*soneto

Por entre o Beberibe, e o Oceano  
Em uma areia sáfia, e lagariça  
Jaz o Recife povoação mestiça,  
Que o Belga edificou ímpio tirano.

O Povo é pouco, e muito pouco urbano,  
Que vive à mercê de uma lingüiça,  
Unha de velha insípida enfermiza,  
E camarões de charco em todo o ano.

As Damas cortesãs, e por rasgadas  
Olhas podridas, são, e pestilências,  
Elas com purgações, nunca purgadas.

**FIM**